

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

UFRGS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARIANA SANTOS STUCKY

ORIENTADORA: VERA LÚCIA PASINI

**HISTÓRIAS DE ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO:
ANDANÇAS COM FERNANDO: ATALHOS LONGOS,
CAMINHOS CURTOS.**

Porto Alegre

2021

MARIANA SANTOS STUCKY

**HISTÓRIAS DE ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO:
ANDANÇAS COM FERNANDO: ATALHOS LONGOS, CAMINHOS
CURTOS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
UFRGS, como requisito para a graduação em
Psicologia.

Orientadora: Profa. Vera Lúcia Pasini

Porto Alegre

2021

Trabalho de Conclusão de Curso de
Psicologia

Histórias de acompanhamento terapêutico.



ANDANÇAS COM FERNANDO:
ATALHOS LONGOS E CAMINHOS CURTOS

Aluna: Mariana Santos Stucky
Orientadora: Vera Lúcia Pasini

Sumário

1. Resumo	6
2. Antes do Começo ou Introdução	7
3. Prelúdio	8
3.1. Apresentação dos Protagonistas	10
4. O Princípio da Aventura	12
5. A paixão segundo A.T.	15
6. Sobre Ser Caminhante	18
7. Um Cruzada Quixotesca	20
8. Nossas Navegações	21
9. O Desenlace	24
Referências	25

Agradecimentos

Assim como a Chapeuzinho Vermelho, eu me interessei pelos atalhos, não pela estrada. No caminho que tracei, nos atalhos que me fizeram caminhar ainda mais, encontrei muitas pessoas. Algumas seguiram caminhando e descobrindo novos atalhos ao meu lado, outras partiram, mas todas deixaram parte delas comigo, assim como levaram parte minha.

Não sou uma colcha de retalhos, sou uma colcha inteira, mas com apliques dos mais diversos: dos amigos, que entre uma ou dez cervejas no bar, falavam besteiras e, minutos depois, debatiam temas filosóficos; dos professores que acreditaram e dividiram suas paixões; das profissionais que me mostraram caminhos possíveis; da família, que aprendi que não é apenas a de sangue, mas também, é quem a gente es(a)colhe.

Não há papel suficiente para agradecer a cada um que fez e faz parte dessa minha jornada repleta de curvas e retornos, mas aqui agradeço a algumas que fazem a viagem mais fácil.

Meu marido, amigo e namorado, Israel, que a cada fim de semestre, em resposta a minha vontade de desistir, me dava forças e me empurrava adiante.

A minha família de Curitiba, que sempre foi refúgio e exemplo. E também, a minha outra família de Porto Alegre, uma família de gigantes que acolheu uma pequenina como filha e irmã.

Simone, *in memoriam*, por ter sido constância quando tudo parecia poder desaparecer a qualquer instante.

Vera, minha professora, minha orientadora, em breve minha colega e, ousar dizer, minha amiga, por ter me ouvido, por ter me ensinado, por ter orientado muito mais do que este trabalho.

Meu filho, Francisco, que me fez fazer a pausa mais assustadora e, ao mesmo tempo, deliciosa da minha vida, e que também é a razão de eu continuar. Meu filho, tu me ensinas mais que qualquer livro, autora ou professor que possa existir.

“Ir y venir, seguir y guiar, dar y tener, entrar y salir de fase
Amar la trama más que el desenlace
Amar la trama más que el desenlace”
(Drexler, 2010)

1. Resumo

Trago neste escrito a história de uma experiência, a experiência da primeira prática clínica no curso de psicologia. É durante as primeiras práticas que nos deparamos com nossas maiores dúvidas, incertezas e medos, mas também, é o momento no qual vestimos pela primeira vez a roupa de profissional. Decidi falar sobre os medos e os aprendizados que vivi durante meu primeiro estágio como forma de contribuir com quem chega, desavisado, assim como eu, sobre o quanto a psicologia é maior do que apenas aquilo que vivemos dentro do consultório. Essa escrita é mais do que um trabalho de conclusão de curso, é uma narrativa sobre o que experienciei ao viver a clínica na rua, fora das paredes de um consultório. Neste percurso, acompanho Fernando em suas andanças pelos caminhos da casa, das ruas, das praças, dos afetos e das memórias. Caminhos que produziram transformações no acompanhado e na acompanhante.

Palavras-Chave: acompanhamento terapêutico; amor transferencial; vínculo terapêutico; experiência.

2. Antes do Começo ou Introdução

A experiência sempre se inicia em algum momento anterior ao que marcamos como “início”. Por exemplo, quem determinou que uma experiência de estágio começa naquela data arbitrariamente assinalada no contrato? Essa experiência, na verdade, começa muito antes. Eu arriscaria dizer que antes mesmo da seleção de estágio, quem sabe antes de passar no vestibular. No momento que imaginamos o que o curso nos reserva, a quem iremos conhecer e o que vamos aprender, quando ainda temos mais suposições do que certezas a respeito do curso que escolhemos seguir. Possivelmente, é nesse momento que se inicia a nossa experiência de estágio, quando o imaginamos e antecipamos nossas futuras vivências. Não é muito diferente de como somos imaginados ainda antes de nascer, quando nossos pais imaginam se seguiremos seus passos profissionais ou se teremos os olhos parecidos com os deles. Até mesmo no momento em que escolhem nosso nome, o significado e as expectativas que carrega. Nosso início antecede nossa vinda ao mundo.

Retornando ao estágio, posso dizer que minha experiência se iniciou quando decidi fazer a disciplina de “Introdução à Prática do Acompanhamento Terapêutico”. Se escolhi essa disciplina por sentir alguma aptidão ao Acompanhamento Terapêutico (AT)? Não. Na verdade, foi devido ao seu horário: 7h30min na terça-feira. Fechava com o meu cronograma apertadíssimo de estudante do turno noturno e trabalhadora. A bem da verdade, muito pouco ou nada eu sabia sobre o que era Acompanhamento Terapêutico, felizmente havia uma “Introdução” no nome da disciplina. Eu, como muitos dos meus colegas, conhecia pouco da psicologia quando iniciei a graduação, apenas a minha experiência pessoal com o processo de psicoterapia psicanalítica. Percebi já nas primeiras aulas que havia mais do que aquilo que eu mesma vivi, que o que eu imaginava saber estava permeado da minha história particular, que a psicologia não se restringia apenas ao *setting* analítico, o combo “terapeuta + divã + paciente”.

Descobri, nessa caminhada com o AT, que há experiências outras e que nem sempre o processo terapêutico que eu conhecia, e acreditava ser único, é o mais indicado. Na trajetória que trilhei neste estágio, lado a lado com Fernando¹, aprendi que minha experiência faz parte de mim e da minha formação, mas também, que não existe experiência única. Talvez meu maior aprendizado seja o que carrego neste escrito, aprendi com o AT que o acompanhante terapêutico não passa “incólume” por essa travessia.

Assim se deu o começo (ou talvez tenha sido ainda antes, mas é desse ponto que decidi contar) dessa experiência que agora ganha corpo neste escrito.

¹ Nome fictício.

3. Prelúdio

Foi movida pela experiência na disciplina eletiva que, em agosto de 2017, participei da seleção de estágio básico do Projeto de Extensão ATnaRede (Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O ATnaRede consolidou-se como projeto continuado de extensão em 1998, articulado à experiência de estágio e a atividades de ensino e pesquisa, sob a coordenação da professora Analice Palombini. Atua em parceria com serviços da rede municipal de saúde e intersetorial, focado no acompanhamento terapêutico (modalidade clínica que se propõe a acompanhar o sujeito no seu cotidiano), sendo os acompanhados encaminhados a partir dos serviços de Saúde, Assistência Social, Justiça, Educação.

Desde 2012, propõe-se como campo próprio de estágio, oferecendo o serviço de Acompanhamento Terapêutico (AT) para a cidade.² Ao longo de mais de 20 anos de história o projeto atuou na formação de inúmeros estudantes de graduação em psicologia, assim como de residentes de programas de Residência Multiprofissional em Saúde, propiciando a iniciação da prática clínica no contexto dos serviços substitutivos do campo da Saúde Mental. Além disso, beneficiou muitos usuários destes serviços e suas redes familiares, possibilitando a ampliação de seus laços sociais e reduzindo o número de internações psiquiátricas.³

Desde 2014, a coordenação do projeto está sob responsabilidade das professoras Analice de Lima Palombini e Vera Lúcia Pasini, que após seu ingresso na UFRGS se agregou ao projeto. A equipe de acompanhantes terapêuticos (ats) muda todos os anos, a partir de duas seleções anuais, que incorporam novos estagiários no início de cada semestre letivo, de maneira a favorecer a passagem pela experiência do AT, tanto os estudantes do diurno quanto do noturno. Além de estagiários do curso de graduação em Psicologia da UFRGS, fazem parte da equipe 2 residentes⁴ da Residência Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da UFRGS e, desde 2019, 1 residente da Residência Integrada Multiprofissional em Saúde do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, além de bolsistas de extensão e extensionistas voluntários.

Os acompanhamentos são realizados individualmente ou em duplas, de acordo com as demandas dos casos em acompanhamento e do número de participantes do projeto. No início de cada novo semestre os estagiários que estão concluindo sua prática apresentam os casos que serão passados aos novos estagiários. Além disso, novos casos também são apresentados para

² <https://www.ufrgs.br/travessias/atnarede/>

³ <https://www.ufrgs.br/travessias/atnarede/historia-do-atnarede/>

⁴ eventualmente podem ingressar 3 residentes, a partir de combinações anuais entre o projeto de extensão e o programa de residência.

toda a equipe durante as reuniões semanais, sempre que são criadas vagas para novos acompanhamentos ou por solicitação de discussão de casos com equipes demandantes, mesmo que o caso não fique em acompanhamento naquele momento. A apresentação dos casos permite que os novos estagiários possam “escolher” os casos que mais despertam interesse, apontando para uma relação de transferência que se propõe a facilitar a criação de vínculo entre acompanhado e acompanhante.

Em uma das passagens de caso das quais participei, foi apresentado o caso que ilustra esse escrito: um casal de irmãos, brancos, já na casa dos 50 anos, que moravam juntos em um bairro periférico da cidade. Ao ouvir o relato dos ats anteriores, eu imaginei que teria muito em comum com Fernando, pois falava-se sobre como ele gostava de estudar inglês, de ouvir música e de cultura em geral. prontamente imaginei que teríamos assuntos sobre o que falar. A irmã, aqui chamada de Martha⁵, havia sido bailarina na juventude e era muito vaidosa, estava sempre maquiada e preocupava-se com suas roupas e com a cor de seus cabelos. A escolha que faço aqui para nomear Martha não é por acaso, é uma referência a Martha Rocha a primeira Miss Brasil, falecida em junho de 2020, e uma homenagem à vaidade e beleza da nossa acompanhada, também já falecida em decorrência de um câncer de útero em 2019. Apesar de viverem em uma situação bastante precária, os dois tiveram uma juventude com muitas oportunidades, o que fazia deles um caso um pouco peculiar. Além de mim, minha colega Marcela⁶ também se interessou pelo caso.

Fomos a terceira dupla de ats a acompanhar os irmãos e a primeira composta apenas por mulheres. Houve uma conexão maior entre eu e Fernando, pelas razões já expostas, e entre Marcela e Martha. Por consequência disso, em muitas manhãs de atendimento, acabávamos por nos dividir, éramos duas duplas: Marcela e Martha; Fernando e eu, ainda que a proposta de acompanhamento em dupla não tivesse a intenção de dividir tanto os irmãos quanto as ats. Acontece que sentíamos que, ao centrarmos nossas atenções e energia em um ou outro, conseguíamos fortalecer nossos vínculos, diferentemente de quando tentávamos acompanhar em dupla, pois quando estávamos os quatro juntos havia uma maior disputa por atenção. Tampouco era uma regra que eu acompanhasse ao Fernando e Marcela à Martha, em algumas ocasiões, a depender do desejo deles, trocamos de posição.

O acompanhamento durou aproximadamente um ano e, ao final deste tempo, a passagem do caso foi feita para duas residentes da equipe de saúde mental na qual Fernando e

⁵ Nome fictício

⁶ Nome fictício.

Martha realizavam seu tratamento em saúde mental, com o intuito de aproximá-los dos serviços da rede, dos quais por vezes ficavam distantes, apesar dos inúmeros problemas de saúde que faziam parte de suas vidas.

3.1. Apresentação dos Protagonistas

“Era uma casa muito engraçada,
não tinha teto, não tinha dada”
(Moraes, 1980)

Fernando e a irmã viviam em uma casa de apenas um cômodo, era “cozinhaquartosesala” e um banheiro pequeno. A peça era tão pequena que a geladeira precisava ficar do lado de fora. Durante os meses que o acompanhei jamais vi a janela aberta, nem vidro e nem veneziana, e a nuvem de fumaça de cigarro já era parte da decoração. Felizmente havia um ar-condicionado que permitia suportar o verão porto alegreense.

Os dois irmãos são naturais de Porto Alegre, têm apenas dois anos de diferença, sendo Martha a mais velha. Apesar de estarem vivendo, naquele momento, em uma peça bastante precária e dependerem financeiramente da pensão que Fernando herdou após a morte da mãe e do BPC (benefício de prestação continuada) que Martha recebe, ambos tiveram uma juventude sem problemas financeiros e com acesso a viagens, à educação e à cultura. A mãe deles era pianista e o pai comerciante, Martha foi bailarina, enquanto Fernando saiu da escola sem completar o ensino fundamental, tendo recebido o diagnóstico de esquizofrenia ainda na adolescência.

É difícil para Marcela e eu compreendermos exatamente a ordem dos fatos da vida de Fernando e Martha. Sabemos que cresceram no bairro no qual vivem atualmente, mas em algum momento de suas vidas saíram do bairro e moraram em uma região mais central e nobre da cidade. Martha fala disso com muita nostalgia. Após a morte do marido, a mãe dos acompanhados passa a receber uma pensão e, juntamente com Fernando e Martha, volta a viver nesse bairro, em uma casa que era propriedade da família. A partir dos seus relatos, bem como de relatos de ats anteriores e dos profissionais da rede os acompanhavam, entendemos que era o pai quem mantinha financeiramente a família e que, enquanto vivo, possuía diversos imóveis pela cidade. Enquanto esteve viva, a mãe era responsável pela família e pela manutenção da casa na qual viviam e, após a sua morte, os dois irmãos seguem vivendo na mesma casa, que

passa a se deteriorar com a falta de cuidados. Não conseguimos situar a morte da mãe temporalmente, em algumas ocasiões nos parece que foi pouco antes de iniciar o acompanhamento terapêutico pelo projeto AT na Rede, em outras parece que foi há mais de dez anos. O que sabemos de fato é que há 17 anos haviam retornado ao bairro.

Eles nos contam que a casa em que viviam estava com o teto caindo e repleta de baratas, Martha fala que não tinham como fazer “benfeitorias” na casa. É nesse momento que Valter⁷ passa a fazer parte dessa “tríade”. Ele e Martha já haviam se relacionado, pelo que compreendemos, na juventude entre idas e vindas, mas não de maneira estável. Segundo o que nos contam, Valter “compra” a casa em que eles moravam e em troca dá a peça “cozinhaquartosala”, que fica localizada em frente a sua própria casa. Tal negociação nunca fica completamente explicada, não se sabe se houve de fato um pagamento pela casa e, se houve, o que foi feito com o dinheiro. Os ats anteriores tiveram acesso aos documentos de um processo, e a única documentação existente era uma declaração de venda registrada em cartório, que aparentemente não possuía valor legal. Tampouco sabemos precisar quando aconteceu essa “venda” e a mudança para a peça na qual os acompanhados viviam no período do AT.

Um pouco antes do início do AT pelos estagiários do projeto, a ESMA (Equipe Especializada em Saúde Mental Adulto) havia acionado o Ministério Público após ficar sabendo de um plano de Valter de vender a casa na qual ele vive, incluindo a peça de Fernando e Martha, e mudar-se para um sítio com Martha, com quem ele mantém um relacionamento amoroso. Preocupados com o destino dos dois irmãos, principalmente de Fernando, a equipe aciona o Ministério Público, dando origem a um processo de interdição que resulta em Valter como curador dos dois acompanhados. E é nesse cenário que Marcela e eu nos incluímos como ats.

⁷ Nome fictício.

4. O Princípio da Aventura

A janela fechada parecia deixar o mundo do lado de fora, mundo esse que forçava sua entrada pela única porta da casa aos sábados pela manhã, quando eu e minha colega de estágio chegávamos. Batíamos palmas e esperávamos para ver quem apareceria para abrir o portão, normalmente era um momento de conflito, nenhum dos dois queria sair da sua clausura, ainda que por poucos minutos. Do lado de fora do portão escutávamos a discussão sobre quem desceria para abrir a porta. Esse momento se repetiria mais tarde, na hora de irmos embora. Depois de alguns meses, Fernando virou oficialmente o responsável por nos receber e também por nos liberar após a despedida.

O bairro era afastado do centro, eu levava em torno de 45 min. no ônibus até chegar lá, o que para meu parâmetro de moradora de bairro central era realmente longe. Eles já eram conhecidos pelos vizinhos e comerciantes, afinal, há 17 anos moravam lá. Fernando não encontrava dificuldade de se deslocar pelo bairro, mas o fazia apenas quando necessário: para comprar cigarros, remédios ou comida. E o fazia apenas se Valter não pudesse ou se recusasse.

Assim como a casa enclausurava, quando estávamos todos lá – Fernando, sua irmã, eu e minha colega –, sentia que também estávamos enclausurados naquele momento, nas intrigas de Fernando, sua irmã e Valter, nas constantes brigas e acusações. Um dia, já sem saber o que fazer e um pouco sentindo que estava prestes a enlouquecer, me levantei e disse “Fernando, vamos dar uma volta pelo bairro? Me mostra o bairro?”. Apesar do estranhamento, ele aceitou e saímos. Saímos da casa e isso nos possibilitou ampliar nosso repertório de assuntos, já não falamos apenas de Martha e de Valter (apesar de muitas vezes o assunto retornar a eles). Podíamos falar da juventude de Fernando, das experiências que ele viveu enquanto seus pais eram vivos, podíamos falar sobre os assuntos que Fernando já havia lido e estudado, sobre histórias que ele conhecia.

Havia dias que apenas caminhávamos pelo bairro, outros em que eu acompanhava Fernando à tabacaria para comprar charutos, ou até a banca comprar cigarro. No entanto, eu gostava mais dos dias em que nos sentávamos na praça próxima à casa, ali tivemos muitas conversas que nos fizeram viajar. Sentados no banco da praça, Fernando me contou sobre sua avó argentina e sobre a vez em que, junto da mãe, viajou de ônibus a Buenos Aires, encontrando pelo caminho caminhões enormes, que faziam muito barulho.

Fernando me falava sobre seu desejo de ter uma namorada e surpreendeu-se quando eu disse que tinha 29 anos, fazendo-me pensar que, aparentemente, não me enquadrava nos

critérios estabelecidos por ele para uma namorada. Queria alguém mais nova, como a antiga at, que tinha 22 anos. Na época que o acompanhei, Fernando estava com 52 anos e parecia sentir-se bastante incomodado com sua idade. Quando sugeri que tentássemos conseguir o passe livre para que ele pudesse deslocar-se gratuitamente de ônibus pela cidade, ficou bastante ofendido, não queria ser como “os velhos que ficam do lado de cá da catraca do ônibus”.

Fernando parecia acreditar que jamais teria uma namorada, se dizia feio e falava dos seus dentes “estragados”, quem poderia amá-lo? Sua vida sempre foi junto da irmã, dois anos mais velha, ela sim foi casada e à época tinha um relacionamento com Valter, o curador dos dois. Para Fernando essa era uma realidade distante. Entretanto, muitas vezes dirigia a mim seu desejo por uma namorada. Confesso que ser o alvo amoroso de um homem de 52 anos, com diagnóstico de esquizofrenia paranoide e péssima higiene bucal me deixava bem desconfortável, mas também, de alguma forma, era uma situação lisonjeira. Em uma ocasião Fernando ligou para minha colega durante a semana para avisar que me daria um presente no sábado seguinte, discutimos esse assunto em supervisão e eu estava realmente inquieta, não sabia o que fazer com as investidas de Fernando. No sábado seguinte, Fernando presenteou a minha colega e não a mim. E não é que ele sabia fazer “jogos amorosos”?

Na experiência do AT, diferentemente de uma experiência de clínica entre quatro paredes, na qual pensamos estar mais protegidos pelo *setting* analítico, a abstenção perante a demanda de amor que nos é dirigida⁸ é dificultada.

A presença do “at” no cotidiano de vida do seu acompanhado, a proximidade física que entre eles se estabelece, os afetos suscitados nas experiências compartilhadas ao longo do trabalho, exigem a invenção de formas próprias de sublimação (ou ascese) do caráter sexual do erotismo, sem recusa ao prazer que da relação possa advir. (Palombini, 2009)

Era essa proximidade física e a minha inserção no cotidiano, na casa, no bairro de Fernando, que favoreciam os afetos dele por mim. E era também devido a essa proximidade que eu me sentia tão desconfortável com suas declarações e elogios. Andar ao seu lado, ao sentar junto no banco do ônibus, suscitava sentimentos divergentes em mim e Fernando. Eu me punha a imaginar o que passava na cabeça das pessoas ao verem uma dupla tão peculiar, será que me imaginariam sua namorada? “Certamente” que não, talvez filha ou parente. Fernando, talvez, sentia-se orgulhoso, quem sabe por algumas horas esquecesse as frases que costumava me dizer: que nunca teria uma namorada, que era feio.

Por vezes pedi que não me elogiasse, lembrando-o que era sua psicóloga, tentando desesperada e inutilmente construir uma barreira invisível que substituísse a sensação de

⁸ Palombini, 2009

segurança e distanciamento que imaginava ser possível no *setting* analítico clássico. Era quase insuportável me ver objeto de amor de Fernando, eu acreditava que essa posição deslegitimaria minha atuação como terapeuta. No meu entender de iniciante na prática psi, nossos lugares como “analista - analisando” ou “acompanhante - acompanhado” deveriam ser bem determinados, não havia espaço para divagações amorosas ou outros afetos.

Pensava como leiga, como diria “Freud:

Se uma paciente enamorou-se de seu médico, parece a tal leigo que são possíveis apenas dois desfechos. Um, que acontece de modo comparativamente raro, é que todas as circunstâncias permitam uma união legal e permanente entre eles; o outro, mais freqüente, é que médico e paciente se separem e abandonem o trabalho que começaram e que deveria levar ao restabelecimento dela, como se houvesse sido interrompido por algum fenômeno elementar. (Freud, 1915)

Era esse segundo desfecho que me parecia o único possível, o processo terapêutico estava impossibilitado devido às declarações de Fernando por mim. É provável que até esse momento eu acreditasse, de uma maneira narcisista, que o amor que Fernando me endereçava pudesse ser atribuído aos meus “encantos pessoais”, quando na verdade o seu “enamoramento” era produzido pela situação característica do processo de AT, bem como de qualquer processo analítico.⁹ A minha recusa em aceitar seus elogios, a perturbação que sentia ao me imaginar recebendo um presente e conjecturando a impressão que isso passaria a ele (que talvez acreditasse que um relacionamento entre nós fosse possível) era fruto da contratransferência, que poderia gerar uma resistência desnecessária ao tratamento.

Não é por meio da recusa ou da aceitação plena desse amor que o processo terapêutico deve instaurar-se, mas sim, a partir da compreensão de que é através desse amor, chamado por Freud de “amor transferencial”, que analista e analisando (acompanhante e acompanhado) poderão estabelecer um vínculo e, então, um processo terapêutico.¹⁰

Quando aceitei que o interesse dele por mim fazia parte do nosso vínculo terapêutico isso possibilitou que sublimássemos esse “amor transferencial” em passeios, em conversas, em trocas. Portanto, é possível compreender que o mesmo afeto que me trazia desconforto, foi o que nos possibilitou caminhar, figurativa e literalmente, juntos.

⁹ Freud, 1915/1976

¹⁰ Freud, 1915/1976

5. A paixão segundo A.T.

“E olhando para o teto,
como quem não quer nada, acrescentou:
- E você tem de ser minha noiva”
(Galeano, 2009)

Ainda que a paixão exerça papel na formação do vínculo, ela não deve ser a característica fundamental desse vínculo. Como aponta Barreto (2005, p. 44):

Penso que, se a paixão passa a ser característica do vínculo para o at, estamos diante de uma distorção da relação; esta deixa de estar em função do desenvolvimento psíquico do acompanhado para ser fonte de gratificações do narcisismo para o acompanhante.”

O episódio do presente que me foi prometido, mas entregue a Marcela, pode exemplificar como o narcisismo da at poderia distorcer a relação. Na mesma medida que me sentia incomodada em aceitar o presente e dar a entender a Fernando que os sentimentos que nutria por mim poderiam ser recíprocos, uma parte de mim desejava receber o presente e sentia que fazia jus a ele. A atenção que Fernando despendia alimentava meu narcisismo de terapeuta e fazia com que eu sentisse que minha presença era o centro do processo terapêutico vivido por Fernando.

No sábado pela manhã, como de costume, Fernando desceu para abrir o portão e, após nos cumprimentar, deu à Marcela uma pequena carteira preta. Eu, que estava há uma semana pensando em como deveria reagir ao presente, havia abordado extensamente o assunto na supervisão coletiva anterior, me vi sem o presente prometido, mais que isso, vi esse presente ser entregue à outra acompanhante. Mais uma vez dois sentimentos paradoxais surgem em mim: um certo ciúme e um pouco de alívio. Se acaso eu permitisse que o ciúme que senti dominasse a cena, eu estaria agindo conforme Barreto assinala: a nossa relação estaria a serviço do meu narcisismo e não do desenvolvimento psíquico de Fernando. Ao ver Fernando entregar o presente a Marcela, eu nada fiz. Assim, permiti que ele também se envolvesse com a outra at e aceitei dividir este amor transferencial com ela.

Já mais próximo do fim do nosso período de estágio, saímos do bairro para um passeio na Redenção - um grande parque no bairro Bom Fim, onde todos os sábados pela manhã ocorre uma feira -, compramos caldo de cana e nos sentamos em bancos verdes, não laranjas. Conversamos e rimos um pouco, Fernando comenta que olhou uma mulher bonita passando, que quase “quebrou o pescoço” e eu nem notei, ele ri muito, pede desculpas, um pouco como

se estivesse se desculando por me trair. Eu respondo que tudo bem, há muitas mulheres bonitas passeando no parque mesmo. Em poucas semanas encerraríamos nossa trajetória juntos e hoje penso que Fernando havia encontrado uma forma de me dizer que estava tudo bem, ele seria capaz de olhar para a próxima at, assim como era capaz de olhar para outras mulheres na minha presença, afinal eu não era sua namorada.

A “paixão” do acompanhado pelo acompanhante exerce um papel fundamental na criação do vínculo, isso é inegável. Para Kleber Duarte Barreto¹¹, esse processo de enamoramento estaria relacionado ao período de ilusão, descrito por Winnicott, como o momento em que não há diferenciação de corpos. Nesse período, quando falamos da relação “mãe/cuidador-bebê”, o bebê bem atendido é capaz de “criar” o cuidador, ele vive a ilusão de que ele criou a mãe/cuidador. Uma das explicações para o surgimento de fenômenos psicóticos, assim como o vivenciado por Fernando, seria uma falha de comunicação bebê-meio ambiente (representado pelo cuidador) nos momentos iniciais do desenvolvimento emocional. Sendo assim, durante o at, a relação que se estabelece busca desenvolver funções psíquicas que foram perdidas na história de vida do acompanhado. Assim como o cuidador de um bebê deve se adaptar às suas necessidades, a at precisa compreender e adaptar-se ativamente às necessidades do acompanhado e à simbolização da falha ambiental. No caso de minha relação com Fernando, essa simbolização poderia ser compreendida como o afeto que ele me direcionava.

Nem sempre há nessa paixão direcionada ao at um componente sexual explícito, como era o caso da minha relação com Fernando, seus elogios me constrangiam, mas nunca foram elogios sobre sensualidade ou com conteúdo sexual. Eu sabia que Fernando se interessava por pornografia, pois algumas vezes ele falava, um pouco envergonhado e rindo, dos vídeos que Valter ou outro vizinho mostravam a ele. Contudo, ele costumava marcar que o que “aquelas mulheres” faziam nos vídeos era “coisa de mulher vulgar”, eu não era assim na opinião dele, talvez eu carregasse uma aura imaculada, como as mães costumam ocupar na vida dos filhos, fazendo com que me colocasse em um lugar diferenciado na sua classificação de mulheres.

Com o tempo e o desenvolvimento do nosso vínculo, a paixão de Fernando foi tomando formas mais semelhantes a uma paixão filial. A manifestação do desejo de que eu fosse sua namorada parecia estar relacionado a ter companhia, ao fato de que fazíamos programas juntos: caminhávamos no bairro, sentávamos na praça e inclusive fizéssemos dois passeios para fora da comunidade onde moravam. É comum vermos mães passeando com seus filhos no final de

¹¹ Barreto, 2005.

Comentado [gr1]: referência????

semana, segurando suas pequenas mãos ao atravessarem a rua, embalando-os no balanço da pracinha do bairro, levando-os para tomar sorvete em uma tarde quente de verão. Inclusive, na praça na qual nos sentávamos não era incomum encontrar mães e filhos passeando, e de longe víamos um campo de futebol no qual funcionava uma “escolinha” e muitas mães deixavam seus filhos no sábado pela manhã para a aula.

Fernando demonstrava afeto por mim, manifestava seu desejo de que eu fosse sua namorada, mas sempre ciente da impossibilidade. Ao final me perguntava: mas tu pode ser minha amiga? E sua amiga eu fui, recebi seu afeto e o retribuí da maneira que me cabia, sendo sua acompanhante nas andanças pelas ruas do bairro onde morava ou mais longínquas como ruas do centro da cidade ou o bairro Bom Fim, e escutando suas lembranças, seus sofrimentos, suas angústias, sua história de vida. É um pouco dessas andanças que vamos acompanhar a seguir.

6. Sobre Ser Caminhante

“Poeminho do Contra
Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!”

(Quintana, 2019)

Em 2014, antes ainda de iniciar meu percurso na psicologia, me tornei voluntária em um projeto chamado Free Walk Porto Alegre. Todas as manhãs de sábado, saíamos do Mercado Público caminhando e contando histórias de Porto Alegre para grupos de turistas, de moradores, de intercambistas ou quem quer que aparecesse no nosso ponto de encontro. Às vezes caminhávamos com mais de 50 pessoas, outras com apenas uma, por vezes não caminhamos com ninguém além de nós mesmos. Não importava, o que gostávamos de fazer era caminhar e dividir nosso olhar sobre Porto Alegre com outras pessoas. Curiosamente, a maioria dos voluntários, assim como eu, não eram naturais da capital gaúcha (alguns nem eram naturais do Rio Grande do Sul, inclusive tínhamos uma voluntária de outro Rio Grande, o do Norte).

É curioso pensar que o que me encantou em Porto Alegre foram os caminhos “tortos”, lá onde nasci o caminho não me trazia surpresas, ao dobrar uma esquina sabia exatamente a rua que me aguardava. Porto Alegre era diferente, era uma cidade misteriosa, esperando ser explorada, mas nunca conquistada. Certa feita, ao tentar “atalhar” nas ruas porto alegrenses caminhei 20 minutos a mais do que o planejado e me deparei com uma rua que talvez nunca tivesse cruzado se não fosse esse acaso. Assim é um pouco a experiência com a psicologia e, mais precisamente, com o AT. Os caminhos não são todos retas perpendiculares meticulosamente planejados - 64 quadrados de um hectare cada, repletos de árvores de pera plantadas pelas calçadas. O que encontrei no AT, na experiência que vivi com Fernando, não pode ser considerado linear ou reto, não era carregado da familiaridade de uma cidade natal, mas sim, do mistério de uma cidade inexplorada. Aprendi a acompanhar seu passo torto, a não ditar a velocidade do passo ou da conversa, aprendi que atalhos nos levam para as mais belas ruas, mas que não encurtam nosso trajeto.

O caso é que em 2006, quando me mudei para Porto Alegre me vi apaixonada pelo centro, pela arquitetura, pelas ruas tortas, tão diferentes das ruas paralelas e perpendiculares da minha cidade natal repleta de ângulos retos. Quando eu imaginaria que seria essa paixão que

Comentado [gr2]: Lembrei do poema "O Mapa", do Quintana.

me faria voluntária no Free Walk Porto Alegre e, posteriormente, faria parte do meu vínculo com Fernando? Provavelmente nunca.

Durante minha prática de estágio, troquei os sábados pela manhã no centro de Porto Alegre por sábados em companhia de Fernando. Nem sempre era possível que caminássemos juntos, muitas vezes permanecíamos dentro de casa, envoltos pela névoa de fumaça de cigarro. Mesmo quando saíamos da casa, não costumávamos ir longe, muitas vezes era no banco laranja da praça vizinha à casa que assistíamos a manhã passar.

7. Um Cruzada Quixotesca

“Por amor às causas perdidas
Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento
Tudo bem, seja o que for
Seja por amor às causas perdidas”
(Gessinger & Galvão, 2003)

Durante o tempo em que acompanhei Fernando, nas brechas que encontrávamos, a cidade podia entrar, ainda que a janela permanecesse fechada. Naquele banco laranja, visitamos a Porto Alegre de 1900, falávamos do bonde elétrico em que ele andou ainda criança, do prédio de 4 andares, que hoje só existe em fotografias antigas, que causou tanto impacto nas pessoas que mereceu o apelido de “Vertiginoso Malakoff”. Andávamos pelo passado e pela cidade através das suas memórias. Embarcávamos em uma máquina do tempo, no mais rápido trem-bala que nos levava daquele banco laranja e nos devolvia tão rapidamente que nem notávamos.

Em algum momento falei sobre visitarmos a Casa de Cultura Mário Quintana, cartão postal da capital gaúcha. Sobre a qual ele tudo sabia, sua história como Hotel Majestic, como hospedou o Poeta, mas também, lutadores de *telecatch*, luta livre mexicana. Eu falei sobre o que poderíamos encontrar ao passear pela Casa: uma réplica do quarto de Mário Quintana, uma sala todinha sobre a Elis Regina, na qual poderíamos inclusive ouvir suas músicas. Embarcamos nessa viagem. Saímos da vila de ônibus e chegamos ao centro de Porto Alegre, a primeira parada foi para comprar cigarros. Paramos, também, em um carrinho de pão de queijo e compramos um para cada. Caminhamos até a CCMQ, eu aprendendo a acompanhar em movimento, lentamente, com os passos tortos. A CCMQ estava fechada, tardaria ainda algumas horas para abrir. Eu decepcionada, Fernando parecendo aliviado. Retornamos. Para mim, uma viagem sem sentido. Para Fernando, uma Cruzada.

Éramos Dom Quixote e Sancho Pança na nossa própria jornada pelo centro de Porto Alegre. Ainda que tenha sido eu que lancei a proposta do passeio, era como Fernando o vivenciava que o transformou de um simples “demos com a cara na porta” em uma grande jornada cheia de aventuras. Quando Dom Quixote se lança contra os moinhos de vento acreditando serem gigantes, em uma das passagens mais conhecidas do livro, Sancho Pança, seu fiel escudeiro, o avisa do equívoco, mas não o para. E ao cair, ele o levanta. O fiel escudeiro exerce a função de *Holding* pela não interferência e, também, por socorrer o amo¹², ao ampará-

¹² Barreto, 1998.

lo e levantá-lo. A relação com o [AT] é semelhante, é preciso compreender quando se deve assistir e quando se deve intervir. A minha função de acompanhante incluía, inclusive, amparar Fernando em seus passos tortos nas calçadas ainda mais tortas da cidade, mas não me antecipar aos buracos e desníveis da calçada.

Hoje já não faço mais AT, mas sigo acompanhando. Fernando é um homem mais velho que eu, tem um outro tempo, uma outra subjetivação, mas ainda assim, ter caminhado a seu lado me ajuda hoje a caminhar ao lado do meu filho. Meu filho também tem seu tempo e sua própria subjetividade. Lembro de um vídeo chamado “Caminhando com Tim Tim”¹³. Quando o vi pela primeira vez ainda não era mãe, hoje ele tem um sentido diferente. Entendo que precisamos estar juntos, acompanhando, mas precisamos permitir que o outro tenha suas próprias experiências, no seu próprio tempo. Assim como no AT.

Ao caminhar com meu filho de 1 ano e 7 meses até a creche eu sou sua acompanhante, respeitando seu tempo, deixando o seu olhar curioso pelas formigas e flores, pelos cães e gatos da vizinhança guiar o meu olhar adulto e apressado. Assisto (à) sua interação com os vizinhos, que já o conhecem e esperam e riem quando ele, com suas pequenas mãozinhas, esconde o rosto para logo em seguida abrir as mãos ao som do seu “acheeei”, sem nunca parar de caminhar. Sigo a seu lado, no seu tempo, esperando a minha deixa, o momento certo de intervir pela sua segurança, o momento em que devo aparar sua queda ou impedir que se coloque em risco ao ir para a rua. Lembro-me de Tim Tim, lembro-me de Fernando.

Comentado [gr3]: às vezes vc tem grafado em minúsculas, às vezes em maiúsculas...

Comentado [gr4]: é "aparar" mesmo ou "amparar"?

8. Nossas Navegações

“Pois bem, cheguei
Quero ficar bem à vontade
Na verdade, eu sou assim

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>

Descobridor dos sete mares
Navegar eu quero”
(Mendonça & Michel, 1983)

Éramos uma dupla curiosa, lembrávamos o encontro entre o “marinheiro comerciante” e o “camponês sedentário”¹⁴. Quem era quem nessa dinâmica? Eu seria a marinheira que voltava no ônibus que fazia as vezes de navio? Velejando desde terras longínquas para trazer histórias de outras terras e outros tempos? Ou seria eu uma camponesa sedentária, que bebendo das palavras de um marinheiro se percebeu pequena e tornou-se uma camponesa sedenta por novas histórias? Nossas narrativas se confundiam, éramos marujos sem mar, camponeses nômades.

As conversas produzidas em nossas andanças tinham um pouco mais de ação e engajamento do que quando permanecíamos em casa. Quando conseguíamos sair pela porta, o que não acontecia sempre, podíamos nos libertar da clausura da casa e das constantes brigas entre o trio (Fernando-Martha-Valter). Obviamente muito do tempo que passávamos juntos ainda era falando sobre a irmã e o curador, mas havia aquele tempo que podia ser ocupado com outros assuntos: o desejo por uma namorada, o medo de envelhecer, a história do passado, as curiosidades da cidade, a música que ele gostava de ouvir, o inglês que gostava de estudar e, até mesmo, suas ideias e teorias sobre o funcionamento do universo. Ele tinha seus interesses, por exemplo, gostava de estudar inglês e de me perguntar se estava correta determinada expressão ou não, ou se eu sabia como se falava determinada palavra. Mas também, eu sentia que podia emprestar a Fernando desejo e, desta forma, era possível ampliar nossos assuntos, era possível sair da clausura.

Como diz Larrosa: “Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco”.¹⁵ Com as palavras percorríamos o bairro, a cidade, o mundo.

Poderia parecer para algum desavisado que nossos momentos sentados no banco laranja de uma minúscula praça de bairro não passassem de um mero “bate papo”, uma maneira de passar o tempo, mas era muito mais. Com as palavras nos teletransportávamos, eu como copiloto, ocupando o lugar da companheira que Fernando tanto desejava ter. Pacientemente eu ouvia as histórias e acrescentava detalhes, contava a minha versão também.

Fernando e eu compartilhávamos alguns interesses, um deles era a história de Porto Alegre, os “causos” e lendas da cidade. Um sábado eu, propositalmente, vesti uma camiseta com uma ilustração do “Lobisomem do arvoredo” na esperança de que falássemos sobre isso,

¹⁴ Benjamin, 1987.

¹⁵ Bondía, 2002, p.21

quem sabe até despertaria o interesse de Fernando em fazer um passeio pela cidade. Nesse dia, sentados nos bancos laranjas da praça, Fernando me contou a versão que conhecia da história, repleta de detalhes. Contudo, um detalhe em especial lhe fugiu à memória, não se recordava como o “Lobisomem” havia sido descoberto.

Como de costume, próximo das 11h retornamos à casa para encontrar minha colega que havia ficado com a Martha. Juntas, eu e Marcela, nos dirigíamos à parada de ônibus quando ouvimos alguns gritos, alguém chamava meu nome. Fernando corria, com toda a sua falta de destreza, atrás de nós (“será que esqueci alguma coisa?”). Ele havia lembrado aquele detalhe da história: um cachorro saiu da casa da rua do Arvoredo (hoje a rua Fernando Machado) com um osso humano na boca, dizem que o osso pertencia ao dono do cachorro.

Fernando parecia gostar de me testar, queria saber se eu conhecia todas as histórias, os seus pormenores, me fazia perguntas e quando eu sabia responder ele dizia que eu sabia tudo, mas o falava rindo, satisfeito. O mesmo acontecia quando me questionava se uma determinada expressão em inglês estaria correta, ele buscava em mim uma resposta concreta, não ficava satisfeito quando eu respondia “depende” ou “pode ser”, Fernando queria concretude.

Nossas manhãs de sábado eram guiadas pelas palavras e histórias que encontrávamos, ou as palavras que nos encontravam. Podia ser sobre música, Fernando era um grande fã de Elvis Presley e sempre tinha uma anedota para contar, podia ser sobre geografia, poderia ser sua teoria sobre como funcionava o mundo e como a mídia não queria que soubéssemos a verdade. Mesmo quando permanecíamos dentro de casa, a palavra nos encontrava, ainda que rapidamente, ainda que encobertos pela névoa dos cigarros, ainda que na forma de uma música. O pequeno rádio com um *pen drive* repleto das mais variadas músicas ou alguma música pedida por Fernando ou Martha no meu celular, Carly Simon era a pedida costumeira de Martha. Ao final, não sabia se eu teria levado um pouco do “mundo lá de fora” para dentro da casa ou se era para fora da casa que eu levava um pouco do “mundo de dentro”.

E assim nosso laço foi se tecendo, palavra a palavra, uma história por vez, uma melodia por semana.

9. O Desenlace

Comecei minha graduação em psicologia com muitas certezas, mas na verdade, eu estava tateando no escuro. A cada semestre, a cada nova experiência eu via aquilo que eu tinha como certo se esvaír entre meus dedos. Foi durante a minha primeira experiência com a prática clínica que eu vi que as convicções que eu vestia nem sempre me serviriam de alguma coisa, ou que aquilo que servia para mim, poderia não servir a outro.

Ao escolher o AT na Rede como meu primeiro campo de estágio eu, talvez sem me dar conta, escolhi viver a experiência da prática clínica com toda a intensidade possível. Sentia que, por ser uma estudante trabalhadora, não poderia apenas molhar os pés para sentir a temperatura da água, era preciso mergulhar de cabeça. E assim o fiz, me coloquei no AT da maneira mais inteira que me foi possível.

Eu não imaginava que a ausência das paredes de um consultório, às quais eu estava tão acostumada a conviver como analisanda, seria tão intimidadora para essa “pequena gafanhota”. No começo me senti exposta e não soube construir fronteiras entre mim e Fernando. Em algumas ocasiões eu exagerava em tentar assumir uma posição de sua terapeuta, em outras eu falhava em impor qualquer limite.

Contudo, conforme realizávamos nossa jornada juntos eu aprendia. Aprendi que suas declarações não estavam relacionadas com meus encantos pessoais, aprendi que, apesar da importância de estabelecer limites, era fundamental que eu soubesse aceitar que esses limites seriam diferentes dos estabelecidos em consultório.

Caminhar lado a lado com Fernando me ensinou muito sobre a prática da psicologia, sobre o tempo da psicose, sobre o tempo que leva para construir um vínculo. Me ensinou sobre esperar e sobre delimitar. Aprendi que em um processo terapêutico, assim como em outros aspectos das nossas vidas, não podemos impor nosso desejo, mas desejar é fundamental. Anos após essa primeira experiência prática, o meu tempo com Fernando ainda reverbera em mim, para muito além da prática clínica. Acompanhando meu filho crescer me vejo respeitando seu tempo, seus interesses e, algumas vezes, emprestando desejo.

Com Fernando aprendi que um terapeuta é um coadjuvante, somos o Sancho Pança. Não estamos ali para acelerar a jornada, mas, de alguma maneira, para garantir que ela aconteça. Contudo, coadjuvante ou não, ao fim da jornada, já não somos os mesmos.

Referências

- Barreto K. D. (2005). Da importância da ilusão na constituição da subjetividade e da realidade. In: *Ética e Técnica no acompanhamento terapêutico: Andanças com Dom Quixote e Sancho Pança*. 3ed. São Paulo: Unimarco Editora.
- Barreto K. D. (2005). No qual se ressalta a função do Holding. In: *Ética e Técnica no acompanhamento terapêutico: Andanças com Dom Quixote e Sancho Pança*. 3ed. São Paulo: Unimarco Editora.
- Benjamin W. (1987). O Narrador In: *Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas*. 3rd ed. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Bondía JL. (2009). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ* [Internet]. [cited 2021 Apr 25];:20-28. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso
- Drexler, J. (2010). La trama y el Desenlace. In: *Amar la Trama*. WM Spain.
- Freud S. (1915/1976). Observações sobre o amor transferencial: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III . In: *Obras psicológicas completas: Edição Standart Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago.
- Galeano E. (2009) Regras. In: *Bocas do Tempo* [E-book]. Porto Alegre: L&PM POCKET.
- Gessinger, H., Galvão, P. (2003) Dom Quixote. In: *Dançando no Campo Minado*. Universal Music.
- Mendonça, G, Michel.(1983) O Descobridor dos Sete Mares [Tim Maia]. In: *O Descobridor dos Sete Mares*. Universal Music Internacional.
- Moraes, V. (2012). A Casa [Toquinho] . In: *The Best Of (live)*. Music Brokers.
- Palombini A de L. (2009). Utópicas cidades de nossas andanças: Flânerie e amizade no acompanhamento terapêutico. *Fractal: Revista de Psicologia* [Internet]. Maio/Ago [cited 2021 Apr 25];21:295-318. DOI <https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000200008>. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922009000200008&lng=en&nrm=iso>
- Quintana M. (2019). Eu passarinho: *Para gostar de ler*. 2nd ed. Porto Alegre: Atica.
- A imagem da contra capa foi projetada usando recursos do Freepik.com: https://www.freepik.com/free-photo/male-with-backpack-standing-path-tall-thick-trees-looking-light_10400421.htm#page=1&query=man%20walking&position=28

